

Além do Bem e do Mal no mundo virtual

RESUMO

Neste artigo, o autor reflete à cerca das questões filosóficas encontradas em Nietzsche e em relação ao desenvolvimento da tecnologia contemporânea, principalmente a Internet.

ABSTRACT

In this article the author reflects upon philosophical questions raised by Nietzsche and in the context of contemporary technology, mainly the Internet.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Nietzsche
- Filosofia (Philosophy)
- Tecnologia (Technology)

Paulo Pinheiro

Jornalista / Portal Terra

Pois os velhos Deuses tiveram fim há muito tempo. E foi verdadeiramente um bom e alegre fim de Deuses! Eles não morreram andando lentamente no crepúsculo – embora se conte esta mentira!

Pelo contrário... certa vez eles riram tanto que acabaram morrendo

(Nietzsche, Assim Falou Zaratustra).

FRIEDRICH NIETZSCHE, EMBORA negue veementemente, olhava para Darwin com admiração. Para o filósofo alemão bom é quem alcança a vitória, mau é quem cede e fracassa. Basicamente o mesmo esboço de seleção natural repetido na natureza. O triunfo dos vencedores surge da queda dos perdedores. Os que seguem adiante têm o ímpeto, a fibra necessária para produzir uma espécie melhor.

Todavia, para se admitir uma hipótese como essa, é preciso repensar conceitos morais estabelecidos durante séculos. Por exemplo, o altruísmo se choca com a fúria de Nietzsche. O filósofo se recusa a acreditar em uma falsa idéia de redenção por atitudes corretas. É preciso rejeitar a veneração da docilidade, o respeito e, por que não dizer, medo das idéias morais. Os intelectuais no tempo de Nietzsche aceitavam as idéias de Darwin, negavam a criação do mundo por um Deus onipresente. Porém, não conseguiam se desatrelar dos ideais cristãos.

Para Nietzsche a igualdade e a democracia se opõem de maneira brutal ao conceito de evolução. Afinal, apenas o mais apto, o mais capaz, deve seguir adiante. E não significa que as qualidades tenham somente a ver com o físico. É preciso desenvolver a mente. Como democracia significa a média, isto se tornava um nivelamento que não interessava ao filósofo alemão e impedia o desenvolvimento do verdadeiro gênio.

Na gênese de toda esta nova maneira de pensar o mundo se encontrava uma Europa abalada por desilusões, surgindo Bismarck, o gênio militar que uniria a Áustria à Alemanha e que seria capaz de

humilhar a França. Era o surgimento de um poderoso império alemão. Havia um vigor nas armas, na indústria, uma pujança nunca antes vista. E Nietzsche acabou se tornando a voz que narrou com precisão a chegada de novos tempos.

Em seu livro mais acessível, Para além do Bem e do Mal, escrito em 1886, Nietzsche, que era míope e na época tivesse sua visão ainda mais prejudicada, resolveu enfrentar os problemas do mundo através de aforismas. E foi com esta arma que seu pensamento atinge uma forma de precisão inigualável. Junto com o seu trabalho seguinte, A Genealogia da Moral, o filósofo alemão destrói os antigos conceitos de moralidade e abre o caminho para o surgimento do super-homem.

É preciso notar que Para além do Bem e do Mal é o livro mais acessível de Nietzsche. Nele, conforme indica o subtítulo, há o prelúdio de uma filosofia do futuro. O autor começa combatendo o preconceito dos filósofos indo contra a “tacanhez mecanicista existente”. Defende o espírito livre e ataca com sua verve ferina a natureza religiosa. Distribui máximas e pensamentos que espantam pela concisão. Finalmente, chega o capítulo mais importante onde ele estabelece uma contribuição à história da moral, inclusive se utilizando de recursos lingüísticos para demonstrar sua tese.

“Nietzsche observa que a língua alemã contém duas palavras para mau: schlecht e böse. Schlecht era usada pelas altas classes para definir as baixas, e significava ordinário, comum; mais tarde passou a significar vulgar, inútil, mau. Böse era usada pelas classes baixas para indicar as altas, e significava estranho, irregular, incalculável, perigoso, prejudicial, cruel; Napoleão era böse. “ (Durant, p. 311)

Nietzsche descobre e tipifica esta avaliação contraditória do ser humano.

Existem dois critérios éticos bem definidos. Cada classe social tem a sua própria moralidade. Há uma moralidade dos senhores que se contrapõe a uma moralidade do rebanho. Para o filósofo alemão, o povo tinha aprendido durante séculos a amar a segurança e a paz. A acreditar, por cortesia da Bíblia, que a pobreza era uma prova de virtude. A piedade e o auto-sacrifício deviam ser exaltados.

E o mais interessante de tudo. Por trás de toda essa moralidade existe uma vontade secreta de poder. O amor para Nietzsche é um desejo de posse. Quando alguém faz a corte, entra em um combate com outros pretendentes pelo amor do outro. Tamanha paixão pelo poder deixa tanto a razão como a moralidade de braços atados. Se tornam meras coadjuvantes em um jogo de dominação.

Por conclusão, a moralidade de Nietzsche não está localizada na bondade e sim na força. Logo, a meta da humanidade não deveria ser a produção de melhores espíritos como pregam as doutrinas religiosas. Na verdade é preciso concentrar esforços para criar novos e melhores homens. Neste ponto surge o conceito, tantas vezes distorcido, do super-homem.

Nietzsche argumenta que a sociedade é um instrumento para a melhoria do homem, afinal o grupo não tem um fim em si mesmo. Ele busca um objetivo comum. As pessoas não se agregam por nada ou para nada. Porém, a própria sociedade não valoriza o super-homem. O gênio é facilmente engolido pela massa ignara. A democracia é o governo da maioria, da média. Logo, o indivíduo superior só pode ser capaz de sobreviver através de educação enobrecedora, de uma precisa seleção humana e, talvez, de uma previsão eugênica. O filósofo alemão achava um desperdício o casamento de heróis com empregadas e gênios com costureiras.

O super-homem desenvolvido e criado atingiria o objetivo de melhorar a

humanidade. Ele estaria acima do bem e do mal. Porém, isto não significa tirania. De fato o caminho para o super-homem passa obrigatoriamente pela aristocracia. Ou seja, os melhores devem governar. Não há por que deixar que pessoas despreparadas assumam o poder em nome de uma representatividade que costuma premiar uma lógica mediana de pensamento, que perpetua os mesmos erros.

Dito isto, cabe notar que uma revolução chamada Internet vem atingindo o campo da comunicação. Vários pensadores já começaram a analisar o surgimento deste novo mundo virtual. A rede mundial de computadores fornece um gigantesco banco de dados à disposição de quem se aventure. O que este trabalho quer aventar como possibilidade é o fato de que o super-homem de Nietzsche já exista e que ele atende pelo nome de web.

O próprio Nietzsche aponta em Para além do Bem e do Mal que qualquer nova descoberta leva a um medo inicial. Aprender e aceitar o surgimento de uma novidade é algo penoso. Até mesmo nossos sentidos se tornam hostis para com o que ainda não dominamos. Por exemplo, ao aprendermos uma língua estrangeira é comum o fato de realizarmos associações com palavras de nosso idioma.

“Quem tiver acompanhado a história de uma ciência particular encontra em sua evolução um fio condutor para compreender os processos mais antigos e mais comuns do saber e conhecer: num e noutro caso desenvolveram-se primeiro as hipóteses prematuras, as ficções, a tola vontade de fé, a falta de desconfiança e paciência – nossos sentidos só aprendem tarde, e jamais inteiramente, a ser órgãos sutis, fiéis e cautelosos para o conhecimento.” (Nietzsche, p. 92)

Com a Internet parece acontecer o mesmo tipo de reação. Muitos pensadores

como Maffesoli e Paul Virilio reagem com medo a uma nova linguagem, a uma nova tecnologia, a uma nova ciência. Se o super-homem fosse, ao contrário de uma abstração criada pela mente de um filósofo alemão, uma realidade física, como reagiriam estes pensadores? Como aceitariam estas mudanças de conceitos e paradigmas da moralidade?

Claro que a Internet pode não estar criando um novo mundo melhor. Porém, é fato que ela já transformou boa parte do planeta Terra. Um exemplo preciso deste fato é o surgimento do e-mail. Há dez anos seria impossível acreditar que esta ferramenta do mundo web tivesse uma popularização tão eficaz. Atualmente, o correio eletrônico foi adotado como uma forma de comunicação rápida e moderna. Foi incorporado no dia-a-dia das empresas. Some-se a isto o fato de que, por exemplo, hoje as redações de jornais (como Zero Hora, Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Globo) recebem mais e-mails do que cartas.

E o avanço da Internet não se limita a este tópico somente. Os jornais web têm observado a sua audiência crescer de maneira constante. O super-homem de Nietzsche expande seus tentáculos virtuais. Na web a vontade de conquistar está explícita. Os computadores tomam de assalto as casas da classe média brasileira. O mundo da Internet está a um passo. Micros “populares” incluem em sua configuração básica o acesso ao ciberespaço. O número de internautas que anseiam por informações continua avançando apesar de todos os prognósticos em contrário.

Apostar em conteúdo jornalístico na internet pode ser um bom negócio nos Estados Unidos, pelo menos nos últimos seis meses. A informação é da Score Media Matrix, que verificou aumento significativo de audiência em sites jornalísticos em sete dos dez maiores mercados do país. Em comparação à base de usuários de internet desse mercado, o aumento de

visitação em sites como Sun Times, entre dezembro de 2001 e maio de 2002, chega a 38%. Baseada em visitantes únicos (unique visitors), a contagem verificou que a base de usuários de Internet cresceu apenas 3%, número muito abaixo do que a média registrada entre os sites de notícias. Na página do New York Daily News, por exemplo, o aumento de audiência foi de 23%. (Site Comunique-se, www.comunique-se.com.br/index.asp?p=Conteudo/NewsShow.asp&p2=idnot%3D4986%26).

De volta ao conceito de super-homem de Nietzsche devemos levar em conta que desenvolver a superioridade intelectual não impede o riso ou admiração de tornozelos bonitos. Mas o homem superior precisa ser bom. E o que é ser bom para Nietzsche? Bom é tudo aquilo que aumenta o sentimento de poder, a vontade de poder, o poder em si mesmo no homem. É possível afirmar que tal ocorre na Internet. Por ser uma base de conhecimentos gigantesca expande os conhecimentos da pessoa, se ela assim o desejar. Na web temos um manancial de informações disponíveis prontas para serem conquistadas.

Neste caso, como vivemos na Era da Informação, o conhecimento é poder. Ele aumenta o sentimento de poder, a vontade de poder, o poder em si mesmo no homem. Exatamente como descrevem as palavras do filósofo alemão. Nietzsche acreditava que talvez o principal amor do ser humano seria destinado à guerra e à luta. Isto pode ter sido fruto da conturbada época política em que ele viveu. Hoje a informação substituiu o papel do guerreiro. O homem não quer dominar através da guerra, ou melhor, atualmente a tecnologia assume um papel importante como instrumento de dominação.

É um fato inevitável que a rápida mudança tecnológica é uma condição básica da vida moderna, assim como as inovações tecnológicas estimulam outras inovações. O caminho para a criação do super-homem parece ter mudado. Ele, nos dias atuais, teria de ter uma educação

tecnológica. É muito provável que tecnologias de informação de hoje serão deslocadas pelas de amanhã, que serão mais rápidas, mais poderosas e flexíveis, e mais baratas.

De certa forma a tecnologia está fazendo o papel de um novo Deus na sociedade. Nem sempre as novas tecnologias acabam com as antigas. Muitas vezes há um somatório que acaba produzindo uma nova linguagem mais elaborada. Esta eugenia mecânica, industrial, virtual, pode ser uma aplicação das previsões de Nietzsche. Talvez o prelúdio de uma filosofia de futuro esteja na Internet. Como meio de convergência de mídias pode abrigar as características de outros meios como televisão, rádio e jornal.

É óbvio afirmar que cada meio de comunicação contém a sua própria linguagem. Todos buscaram inspiração em mídias já existentes até chegar ao ponto onde encontraram seu próprio caminho, sua própria forma de expressão.

Tal maneira peculiar torna o meio reconhecível. Estas características ajudam a definir a sintaxe utilizada na comunicação. Porém, a Internet, até o momento, mostra-se como a soma de todos os outros.

“As diferenças de meios de comunicação (...) significam que não se trata, simplesmente, de uma questão de comunicar uma idéia ou percepção pertence primordialmente, embora não exclusivamente, a um meio de comunicação, podendo ser melhor obtida ou comunicada através deste exato meio.” (Carpenter, p. 202)

Em princípio estamos diante de uma evolução tecnológica que pode gerar um produto mais completo que as demais mídias. Justamente a evolução que Nietzsche queria para o ser humano. Há algo mais completo à disposição do leitor. Ou, para usar o termo mais correto, ao usuário. Hoje, sinais de televisão, rádio e o texto de um jornal podem ser encontrados

juntos em um mesmo lugar. A palavra que define esta possibilidade chama-se evolução.

Isto é um conceito fundamental na obra de Nietzsche e talvez hoje a maior evolução humana pode estar na tecnologia. Intelecto, energia e orgulho fazem um super-homem. Tudo isso está disponível na Internet? Temos a energia como sede de conhecimento, o intelecto como a gigantesca base de dados. O orgulho é algo fácil de ser percebido na capacidade de interagir com uma nova linguagem alcançada pelos internautas. Todavia, ainda existe uma questão que atormentava o filósofo alemão: a moral.

De acordo com Nietzsche a moralidade cristã funciona como um freio que impede o surgimento dos grandes homens. Com tantas restrições e um sentimento de culpa, afinal somos frutos do pecado original, não há como florescer a semente do gênio. Para piorar, existe o governo da maioria. A democracia é outro obstáculo para o super-homem. As oportunidades iguais diminuem o brilho destinado aos melhores.

Porém, na Internet a moralidade é muito diferente. Quase todos os governos do mundo já manifestaram sua preocupação com o excesso de liberdade da web. Todas as informações estão ao alcance de qualquer pessoa. Desde obras de Shakespeare até sites especializados em pedofilia e outras formas de perversão sexual. Onde está, então, o conceito de moralidade no mundo virtual?

Não parece haver um freio ou um obstáculo capaz de deter a fúria do exército de hackers que inundam a Internet com mensagens de protestos em sites oficiais. Para piorar, programas são colocados à disposição de usuários que não se importam com questões de direitos autorais nos sites de pirataria. E mais ainda. A indústria fonográfica se mostra apavorada com a disseminação da troca de músicas (preferencialmente no formato mp3) na web. Seria o surgimento de uma nova

moral?

Por que na Internet as pessoas agem desta maneira? Essencialmente, é possível supor, pela falta de controle. Não há ninguém supervisionando o mundo virtual com insistência. Ainda há muitos caminhos livres para quem aprendeu a surfar na web. E talvez esta liberdade quase ilimitada assuste pensadores como Maffesoli e Virilio. A nova moralidade desatrelada dos dogmas dos velhos deuses causa pânico em espíritos menos esclarecidos exatamente como notara Nietzsche há muito tempo.

“Nas épocas tardias que podem se orgulhar de sua humanidade, permanece ainda tanto medo, tanta superstição de medo frente ao animal feroz e cruel, ao qual justamente as épocas mais humanas se orgulham de haver subjogado, que mesmo verdades tangíveis continuam inexpressas durante séculos, como que por um acordo, porque aparentemente poderiam chamar à vida esse animal selvagem finalmente batido.” (Nietzsche, p. 135)

Por isso soa estranho ver filósofos condenando o novo de forma tão radical. É certo que a liberdade também tem seus riscos e perigos. Porém, o oposto, já demonstrado com maestria no clássico 1984, de George Orwell, não parece ser a melhor alternativa. Um controle estatal que não admita espaço para a liberdade e criatividade também pode ter consequências catastróficas. Negar o avanço da Internet, portanto, é tão contraproducente quanto afirmar que ela é perfeita e sem erros.

Talvez o que esteja ocorrendo no caso da web seja uma falta de alfabetização midiática. Pois o surgimento desta nova tecnologia obriga a um novo aprendizado. Novas expressões, como, por exemplo, e-mail, são incorporadas ao léxico nacional. Além disso, é preciso mudar, alterar as percepções do corpo. Saber operar um

mouse para quem nunca mexeu em um computador faz parte de um acréscimo na soma geral de conhecimentos. A maneira pela qual nos relacionamos com o mundo é transformada, assim o domínio desta nova linguagem tecnológica é adquirido. E na Era da Informação negar a si mesmo o conhecimento é um retrocesso intelectual. Discutir o avanço da tecnologia é saudável e necessário. Condenar o futuro por antecipação, apenas por que não se tem um controle de um novo suporte técnico, é, no mínimo, temerário.

Mesmo assim, atualmente, os novos caminhos que a Internet, enquanto ferramenta de processos comunicacionais, desenvolveu ainda sofrem uma série de preconceitos que talvez acabem extintos no decorrer do tempo. Basta citar a desconfiança sobre a existência de um jornalismo on-line. Muitos acreditam sequer ser possível a existência de uma linguagem específica de texto para a web. Porém, em nenhum outro meio de comunicação podemos contar com o hipertexto. O link muda a maneira com que lemos uma matéria. Há o surgimento de uma linguagem associativa, semelhante ao pensamento humano. Só isto já seria capaz de defender a idéia de que a Internet é uma mídia diferente das demais e, como tal, tem características próprias.

Outro fato que é objeto de contestação são os conhecimentos necessários para o jornalista de web. Por exemplo, quem tivesse o desejo de seguir nesta profissão deveria ter o domínio da linguagem HTML (Hyper Text Markup Language, que permite programar as páginas que sejam visualizáveis na web)? O profissional da comunicação de repente acreditou estar sendo transformado em um programador, em um mero operador técnico sem capacidade de discernimento. O mundo virtual o acabaria transformando em um robô sem alma...

A questão, de certa forma, pode até soar ridícula, visto que no estudo do jornalismo televisivo as faculdades de

comunicação proporcionam aos alunos noções de operação de câmeras e a técnica necessária para trabalhar em uma ilha de edição. Quando aprendemos a linguagem do rádio é necessário saber como editar uma trilha sonora, escolher a melhor cortina para o nosso programa. A alfabetização em cada uma destas linguagens pressupõe o domínio de uma nova técnica. Andre Abreu de Sousa, arquiteto de informação na área de e-learning da Universidade Anhembí Morumbi, defende o domínio de novas ferramentas para o jornalismo on-line.

Qual é o repórter de TV que não sabe como funciona edição de vídeo, iluminação e uma câmera profissional? Ele pode não ter os conhecimentos para fazer tudo isso sem a ajuda de um profissional, mas é óbvio que ele sabe o essencial para poder fazer seu trabalho dentro das limitações e recursos que os equipamentos da sua empresa oferecem. Para o jornalista de Web é igual. Como ele vai pedir para o designer fazer uma animação para ilustrar sua reportagem se ele não tem a mínima noção do que é Flash e quais são suas limitações e recursos? Ter conhecimentos de informática é sempre bom, só ajuda a melhorar o trabalho jornalístico e o resultado final que o leitor terá na tela, além de agilizar a vida do jornalista na hora de conversar com o pessoal da programação e do design. (site Comunique-se, <http://www.comunique-se.com.br/index.asp?p=Conteudo/News Show.asp&p2=idnot%3D5523%26Editoria%3D135%26Op2%3D1%26Op3%3D0%26pid%3D3489501184%26fnt%3Dfntnl>).

Fica claro que o novo profissional de jornalismo precisa ter várias capacitações. Se fosse possível uma analogia com o sistema operacional Windows, o futuro pede por um profissional multitarefa. Não basta o domínio do texto. Fotos, vídeo, web, todas serão habilidades necessárias para o exercício da profissão. Nesse sentido, Nino Carvalho, gerente de comunicação da CentralCom, tem posição parecida sobre essa transformação:

“No mundo conectado de hoje e cada vez mais, até mesmo repórteres de rua terão que saber editar fotos, captar, editar e transmitir vídeos, montar páginas, etc. O recurso mais escasso dos próximos anos será o tempo e nenhum veículo jornalístico de Web poderá se dar ao luxo de pautar, sair à rua pra fazer a reportagem, voltar pra redação, preparar texto, imagens e multimídia, para somente então levar a bendita matéria pro ar! Não. Você vai à rua, pega sua matéria, redige e edita o texto. Passa as fotos pro laptop, as edita com o Photoshop, monta a página com o Dreamweaver e joga tudo pro ar (via conexão wireless) usando algum programeto de FTP”. (Site Comunique-se, <http://www.comunique-se.com.br/index.asp?p=Conteudo/NewsShow.asp&p2=idnot%3D5523%26Editoria%3D135%26Op2%3D1%26Op3%3D0%26pid%3D3489501184%26fnt%3Dfntnl>).

Desta maneira, parece ser pacífico que uma nova linguagem, um novo caminho, uma nova idéia de pensar a comunicação vem encontrando o seu espaço. O super-homem de Nietzsche pode estar na perfeição de bits, de zeros e uns, do mundo virtual. O filósofo alemão já tinha percebido que a meta da evolução não é o homem e sim a humanidade. Ou seja, é preciso trabalhar para criar um mundo onde o gênio, onde o talento não seja reprimido.

Vale notar que a Internet não foi criada por um decreto lei ou por uma reunião de acionistas de alguma grande empresa multinacional. Não houve, o controle, o freio moral em cima do gênio. A explosão da auto-estrada da informação se deu por essa necessidade de comunicar-se rapidamente, a um baixo custo, com todo o planeta. Uma evolução bem ao gosto de Darwin e, é claro, Nietzsche. A teia global, como se sabe, começou a se tornar um meio de comunicação de massa em torno

de 1994 quando o conceito de World Wide Web de Tim Berners Lee começou a ser apresentado para o grande público.

Aliás, a Internet começou a ser gestada desde o final da década de 60. Começou como um projeto militar, mas que foi incorporado por visionários que enxergaram um alcance maior para a idéia. Scott McNealy, da Sun Computers, no documentário Nerd 2.01 exibido pelo canal GNT, afirma que a Internet é a realização da “Super-estrada da Informação”. Os pesquisadores da Xerox PARC (Palo Alto Research Center) foram os super-homens que criaram esta espécie de prelúdio de uma filosofia do futuro.

Neste laboratório a Xerox reuniu as melhores cabeças pensantes (os gênios, os talentos, os espíritos livres) de cada área e deu uma missão: “Construam o futuro”. E o futuro foi desenvolvido em Palo Alto. Não havia sistema de governo, democracia, domínio da mídia. Apenas mentes privilegiadas pensando um futuro melhor. Hoje temos o sistema operacional dos Macintoshes e dos micros com Windows com janelas e ícones, e não linhas de comando por causa do trabalho do PARC. E não foi só isso. O mouse, a impressora laser e a Ethernet, que possibilitava que micros se conectassem em rede de forma barata, também foram desenvolvidos pela Xerox.

Curiosamente, os diretores da Xerox não foram capazes de vislumbrar com tanta perfeição o futuro como seus funcionários. Hoje a empresa poderia estar dominando o mercado de Internet, mas se tornou conhecida mundialmente pela fabricação de copadoras. Porém o futuro foi imaginado por um conjunto de pessoas que estavam agindo no papel de filósofos, no sentido de que apontavam um novo caminho para o ser humano.

Nietzsche previu que um novo tipo de pensador estava por surgir. Talvez o refúgio desta nova era de eruditos esteja no mundo virtual, em que conhecer a linguagem da web se torne tão importante

quanto ler os escritos de Platão. O caminho do desenvolvimento da ciência percorre a trilha da liberdade. E o mundo virtual ainda é um paraíso para a expressão de idéias.

Os perigos que ameaçam o desenvolvimento do filósofo são hoje tão variados que chegamos a duvidar que esse futuro um dia amadureça. O edifício das ciências atingiu altura e dimensão tremendas, e com isso cresceu também a probabilidade de que o filósofo se canse já enquanto aprende, ou se deixe prender ou “especializar” em algum ponto: de modo que jamais alcança sua altura, a partir de onde seu olhar abrange tudo em torno e abaixo. (Nietzsche, p. 107)

Se há uma revolução nerd a caminho é algo que se pode discutir. Todavia, ninguém pode negar a existência de uma nova maneira de olhar o mundo. Uma nova geração com uma mensagem e um raciocínio mais digital se aproxima. Um mundo de conexões, bits, bytes, que se encontra muito Além do Bem e do Mal .

Glossário

Browser

Um programa que permite visualizar e utilizar uma dada base de dados, distribuída ou não por vários computadores. Termo normalmente aplicado para os programas que permitem navegar no World Wide Web.

Ciberespaço/Cyberspace

Por ciberespaço designa-se habitualmente o conjunto das redes de computadores interligadas e de toda a atividade aí existente. É uma espécie de planeta virtual, onde as pessoas (a sociedade da informação) se relacionam virtualmente, por meios eletrônicos. Termo inventado por William Gibson no seu romance *Neuromancer*.

Conexão

Ligação do seu computador a um computador remoto.

Correio Eletrônico (E-mail)

Correio transmitido por meios eletrônicos, normalmente redes informáticas. Uma carta eletrônica contém texto (como qualquer outra carta) e pode ter, eventualmente, anexo uma ou mais pastas.

CGI (Common Gateway Interface)

Programa que possibilita a criação de páginas HTML dinâmicas. Utilizado na Internet para enviar informações de banco de dados para os usuários. Também pode levar respostas do usuário para o computador central (quando a pessoa preenche um formulário on-line e envia para o provedor).

DHTML (HTML dinâmico)

Refere-se a páginas Web cujo conteúdo é modificado, dependendo de diferentes fatores, como a localização geográfica do leitor (em consequência, a data e a hora locais), páginas já visitadas durante a sessão e o perfil do usuário. A montagem de páginas em HTML dinâmico está ligada aos programas CGI, aos cookies, às linguagens Java, JavaScript e VBScript, e aos objetos ActiveX.

DNS

Sigla de Domain Name Server. Designa o conjunto de regras e/ou programas que constituem um Servidor de Nomes da Internet. Um servidor de nomes faz a tradução de um nome alfanumérico (p. ex. webmundi.com) para um número IP (p. ex. 200.300.220.1). Por exemplo, no DNS brasileiro, gerem-se todos os nomes terminados em br. Qualquer outro nome será também traduzido pelo mesmo DNS, mas a partir de informação proveniente de outro DNS (isto se essa informação não tiver sido previamente obtida).

Download

Processo de cópia de arquivos de um computador qualquer para o micro do usuário.

FTP (File Transfer Protocol) - Protocolo de transferência de arquivos

Normalmente os sites têm áreas públicas de FTP, permitindo que os usuários façam download de programas por este protocolo.

Firewall

Hardware e Software que formam um sistema de proteção que impede a entrada de estranhos em redes privadas ligadas à internet. (Intranet)

Hipertexto

Os documentos são apresentados com palavras em destaque, que representam ligações com outros documentos - e idéias - e permitem que você visualize, com cliques ou por meio de teclas, esses outros documentos. Os documentos acessados podem ter vínculos com outros documentos.

HTML (Hyper Text Markup Language) – Sistema de marcação dos arquivos Web
Linguagem usada para construção de sites e páginas para Internet. Determina o tamanho, cor, formato de letra, local de inserção de imagens, colocação de Links para outros sites.

HTTP (Hyper Text Transfer Protocol) - Protocolo de transferência de Hipertexto

Protocolo utilizado pelos computadores ligados à WWW para comunicar-se entre si.

Home Page

Página base. Página principal de um site de uma instituição ou particular. A página base é uma espécie de ponto de partida para a procura de informação relativa a essa pessoa ou instituição.

Internauta

Nome dado ao usuário da Internet.

IP

Internet Protocol. Um dos protocolos mais importantes do conjunto de protocolos da Internet. Responsável pela identificação

das máquinas e redes e encaminhamento correto das mensagens entre elas. Corresponde ao protocolo de nível 3 do modelo OSI.

MP3

Tecnologia de compactação normalmente aplicada a arquivos WAV. Na produção de arquivos MP3 eliminam-se detalhes da gravação original, permitindo uma compressão eficiente. A relação WAV/MP3 (com 128 Kbps e 44,1 KHz) fica na faixa de 10 para 1, quase sem perda de qualidade.

Nerds

Apelido atribuído a pessoas que passam muito tempo na frente dos computadores. Na maioria das vezes trata-se de jovens programadores.

Proxy

Programa que permite a comunicação entre duas redes, efetuando ou não processamento adicional. Um exemplo de uso: no firewall, ele transfere páginas web para usuários da intranet.

Servidor web

Programa que fornece o material apresentado pelo browser. Pode conectar-se a bancos de dados.

Upload

Fazer o upload de um arquivo. Ato de transferir o arquivo do seu computador para um computador remoto, usando qualquer protocolo de comunicações.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. Tela Total, Porto Alegre, Editora Sulina, 1997.

DERTOUZOS, Michael. O que será, Rio de Janeiro, Cia das Letras, 1998.

DURANT, Will. A História da Filosofia, Rio de Janeiro, Editora Record, 2000.

LÉVY, Pierre. Tecnologias da Inteligência. Ed. 34, Rio de Janeiro 1994.

_____. Tecnologias da Inteligência. São Paulo, Editora 34, 1994.

_____. O que é o Virtual? São Paulo, Editora 34, 1996.

_____. A Inteligência Coletiva, por uma antropologia do ciberespaço. Edições LOYOLA, São Paulo, 1998.

_____. Cibercultura. São Paulo, Editora 34, 1999.

_____. "A Internet e a crise do Mundo", in Pellanda, Eduardo Campos e Pellanda, Nize Maria Campos. Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy, Porto Alegre, Artes e Ofícios, 2000.

MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos: O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massas, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1998.

MORIN, Edgar. Ciência com Consciência, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996.

_____. Introdução ao Pensamento Complexo, Lisboa, Instituto Piaget, 1991.

_____. Terra-Pátria, Porto Alegre, Editora Sulina, 1995.

_____. O Método IV. As Idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização, Lisboa, Edições Europa-America, 1991.

NEGROPONTE, Nicholas. Vida Digital. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, F. Para Além do Bem e do Mal: Prelúdio de uma Filosofia do Futuro, Cia das Letras, São Paulo, 1992.

VIRILIO, Paul. O espaço crítico, São Paulo, Editora 34, 1993.

Sites

<http://www.uol.com.br/mundodigital/webzona/levy.htm>

<http://www.comunique-se.com.br/index.asp?>

p=Conteudo/NewsShow. asp&p2=idnot%3D5523%26Editoria%3D135%26Op2%3D1%26O p3%3D0%26pid%3D3489501184%26fnt%3Dfntnl

<http://www.comunique-se.com.br/index.asp?p=Conteudo/NewsShow. asp&p2=idnot%3D5523%26Editoria%3D135%26Op2%3D1%26O p3%3D0%26pid%3D3489501184%26fnt%3Dfntnl>